

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1967

VIDROS ROMANOS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE VILA VIÇOSA

O Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança, instalado no Castelo de Vila Viçosa, tem uma rica colecção de vidros romanos escavados por A. Viana e A. Dias de Deus em várias necrópoles do Alentejo (1). Quase todos esses vidros foram já publicados por aqueles autores, infelizmente hoje falecidos, mas sem a ilustração e os comentários cronológicos que merecem (2).

Pensámos voltar a publicar o espólio daquelas necrópoles, sepultura por sepultura. O Museu de Vila Viçosa não tem todavia nenhuma nota manuscrita de A. Viana ou A. Dias de Deus sobre as escavações, e as indicações dos autores nos artigos que publicaram são tão sumárias que se torna difícil, se não mesmo impossível, identificar o que foi descoberto em cada sepultura. Embora não tenhamos desistido da publicação integral do espólio daqueles cemitérios, não será nos anos mais próximos que poderemos estudar com vagar os achados de A. Viana

(1) Agradecemos ao Doutor António Luiz Gomes, presidente do Conselho de Administração da Fundação da Casa de Bragança, a autorização que nos concedeu para estudarmos e publicarmos estes vidros. A colecção esteve durante algum tempo no Museu Monográfico de Conimbriga, onde a restaurámos com resina acrílica e a estudámos com vagar.

(2) Vid. A. Viana e A. Dias de Deus, «Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Eivas (Portugal)» e «Necropolis de la Torre das Arcas» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1957), pp. 33-68 e 244-265, respectivamente; A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)» in *A Cidade de Évora*, n.ºs 33-34 (1955), pp. 235-258; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas (Paço Ducal de Vila Viçosa). Materiais da Secção Arqueológica» in *O Instituto*, vol. 118 (1958), pp. 133-193; A. Viana, «Vidros Romanos em Portugal. Breves Notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), vol. XVIII (1960-61), pp. 5-42.

e A. Dias de Deus. Resolvemos por isso apresentar desde já o estudo dos vidros daquelas necrópoles.

São estas: Padrãozinho, na herdade do mesmo nome, sita na freguesia de Ciladas do concelho de Vila Viçosa, a cerca de cinco quilómetros ao sul de Vila Boim; Serrones, na freguesia de Vila Fernando do concelho de Eivas, a cerca de cinco quilómetros em linha recta de Vila Fernando para sudoeste; Torre das Arcas, na herdade do mesmo nome, uns seis quilómetros a sudoeste de Eivas, em linha recta; A do Rico, na freguesia de Degolados do concelho de Campo Maior; Chaminé, na tapada da herdade da Chaminé, a cerca de três quilómetros e meio a este de Vila Fernando, em cuja freguesia se situa; Horta das Pinas, na freguesia de S. Vicente, cinco quilómetros a norte de Eivas; herdade da Cardeira, na freguesia de Jerumenha do concelho de Alandroal; e ainda uma necrópole junto da Escola da mesma freguesia. A. Viana publicou os vidros da Cardeira e da Escola de Jerumenha sem distinguir os de um e de outro local.

Na necrópole do Padrãozinho encontraram-se os números 1, 6, 9, 25, 29, 40, 41 e 53; estas peças, quando datáveis por paralelos encontrados em outras províncias romanas, são atribuíveis à segunda metade do século I ou ao século II d.C. Com esta cronologia concordam as peças de terra sigillata da mesma necrópole (3). Não excluimos todavia a possibilidade de abranger ainda os fins do I e começos do III, época que lhe atribuiu A. Viana (4).

Da necrópole de Serrones são as peças 19, 24, 52, 62 e 64. São todas dos séculos I e II d.C., e a mesma data se atribui às peças de terra sigillata ali encontradas. A. Viana datou a necrópole dos finais do século I d.C. (5), mas é evidente que tem uma extensão cronológica muito maior.

Encontrou-se na necrópole de Torre das Arcas o vidro número 21, que data do século I d.C. A. Viana foi vago ao estabelecer a data do cemitério, pois disse que a maior parte das sepulturas é de «algum tempo antes dos começos do século III d.C.» mas que nela se acharam materiais bastante mais antigos e outros posteriores (6).

(3) — Vide A. Alarcão, «Algumas peças de Terra Sigillata na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa» in *Conimbriga*, II-III (1960-61) pp. 181-201.

(4) Vid. A. Viana, 1955 (1), p. 55.

(5) Vid. A. Viana, 1955 (1), p. 68.

(6) Vid. A. Viana, 1955 (2), p. 264.

Também se achou apenas um vidro (número 54) no espólio de A do Rico, sobre cuja data A. Viana não se pronunciou. É um unguentário de um tipo cuja cronologia é extensa, pois vai dos fins do século i ao ii d.C.

Na necrópole da Chaminé também só apareceu o vidro 43, da época de Tibério ou Cláudio; uma peça de sigillata marcada da mesma necrópole (7) é do tempo de Cláudio a Vespasiano. A. Viana atribuiu a esta necrópole uma cronologia dilatada dos fins do século iv a.C. ao século i d.C. (8). A ser assim, a necrópole da Chaminé seria contemporânea da de Alcácer de Sal, escavada há bastantes anos pelo Doutor Vergílio Correia e cujo espólio deverá ser em breve objecto de publicação.

No cemitério da Horta das Pinas apareceram os números 13, 14, 23, 26, 28, 30, 34-36, 38, 39, 45, 50, 55-58, 60, 61 e 63. Datam dos séculos i e ii — cronologia que concorda com a proposta por A. Viana (século i a.C. até fins do ii d.C. pelo menos) (9).

TAÇAS

A taça 1 tem paralelo exacto em Chipre e, mais longínquo, em Karanis(10). Vessberg inclui a taça cipriota no tipo Morin-Jean 91, que este autor data do século i ao iv d.C. Aparece, segundo Morin-Jean, já em Pompeia, mas ainda se encontra no tempo de Constantino.

Parece-nos que devemos subdividir o tipo Morin-Jean 91 em dois: uma taça mais funda, realmente comum nos fins do século i e no ii d.C. (11) e outra mais baixa, típica do m e do iv; esta última corresponde ao tipo Isings 97a e é nela que se inclui a taça com que Morin-Jean ilustra o seu tipo 91. A taça cipriota e, por conseguinte, também a nossa, não cabem rigorosamente no tipo 91 de Morin-Jean; a aba

(7) Vid. A. Alarcão, art. cit., p. 186.

(8) Vid. A. Viana, 1958, p. 137.

(9) Vid. A. Viana, 1958, p. 165.

(10) Vid. Vessberg, 1956, fig. 42, 12 e Harden, 1936, n.º 118.

(11) Vid. v.g. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)» in *Gallia*, XXII (1964), pp. 87-110.

deste encurva-se num S deitado, mais ou menos oblíquo; a aba da nossa taça descreve dois arcos de círculo diferentemente centrados.

Não conhecemos paralelo em Portugal para esta taça de Vila Viçosa. Vessberg não encontrou a taça cipriota em contextos datáveis. Harden propôs para a taça de Karanis acima citada o século m pelo mais tardar. Dada a sua semelhança com as taças mais fundas de tipo Morin-Jean 91, parece-nos que podemos datar a taça 1 dos fins do século i ou do II d.C.

A taça 2 não tem paralelo; já a apresentámos como forma inédita dos vidros romanos no III Congresso das Journées Internationales du Verre (12).

A taça 3 também não tem paralelo entre os vidros romanos publicados que conhecemos.

A taça 4 parece uma versão muito singela de uma preciosa peça de vidro do Museu Nacional de Nápoles. O perfil dos dois vasos é o mesmo; o de Nápoles é, porém, gravado: no fundo, uma roseta de oito pétalas inscreve-se numa coroa circular; nas abas, pétalas angulosas alternam com motivos em forma de gota. Não se conhece data nem proveniência desta peça do Museu de Nápoles, que pode bem ser anterior ao século i d.C. (13).

A taça 5 cabe num grupo do século i d.C. (tipo Isings 12), de cuja decoração e cronologia tratámos já ao publicarmos os vidros de Conímbriga (14).

A taça 6 não cabe exactamente no tipo 44 de Isings, embora seja deste que mais se aproxima; as paredes deste tipo, porém, descrita a curvatura do fundo, sobem quase a prumo, enquanto as da nossa taça continuam a curvar-se, agora para o interior. Mais próxima no perfil é uma taça cipriota publicada por Vessberg (15), embora esta não tenha bordo nem pé tubulares. O tipo Isings 44 é da segunda metade do século i d.C. Esta deve ser também a cronologia da nossa peça, que apareceu na sepultura 60 da necrópole do Padrãozinho, juntamente com a garrafa hexagonal aqui publicada sob o número 29.

(12) Vid. Alarcão, 1964, pp. 61-64.

(13) Vid. G. Weinberg, «Hellenistic glass vessels from the Athenian Agora» in *Hesperia*, XXX (1961), pp. 384-386.

(14) Vid. Alarcão, 1965, pp. 40-41.

(15) Vid. Vessberg, 1956, fig. 44, 39.

Para as taças 7 a 10 não encontramos paralelo. As taças dos séculos iv ou v decoradas com cabuchões de vidro colorido apresentam muitas vezes um fio de vidro decorativo sob o bordo como estes nossos números (16). Isto não quer porém dizer que pensemos numa data tão tardia para estas taças.

O fragmento 11 pode pertencer a uma taça como a do Museu de Besançon publicada por Morin-Jean; esta forma não figura todavia na tábua tipológica de Morin-Jean, que a apresenta apenas como ilustração do tipo de rebordo singelo, sem orla, de algumas peças de vidro romanas (17).

1 — Taça

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-musgo, com muitas bolhas de ar, impurezas e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentada junto do bordo e reconstruída com resina acrílica.

A aba descreve dois arcos de círculo de dimensões desiguais. Bordo e pé tubulares. Fundo côncavo.

Altura: 41 mm. Diâmetro da boca: 205 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2158.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 35.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 10, 140; A. Viana, 1955 (3), fot. 17; A. Viana, 1961, fot. 64 e 65.

2 — Taça

Vidro transparente, incolor, cheio de bolhas de ar, impurezas e espirais resultantes da soflagem.

Muito fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado intenso e irisão multicolor incipiente. Irisão esmaltada, castanha, mancha toda a superfície externa.

Bordo de arestas polidas ao fogo. Aba ondulada. Pé anelar e fundo ligeiramente côncavo. Marca de pontel.

Altura: 51 mm. Diâmetro da boca: 175 mm. Espessura média do vidro: 1 mm. Espessura mínima: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 86.

(16) Vid. Fremersdorf, *Die römischen Glaser mit aufgelegten Nuppen in Köln*, Colónia, 1962, est. 56 a 63.

(17) Vid. Morin-Jean, 1913, fig. 4, n.º 173.

3 — *Taça*

Vidro transparente, cinzento fumado, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

Conserva-se apenas um fragmento, de corrosão leitosa.

Perfil serpenteado e bordo polido ao fogo.

Altura do fragmento: 28 mm. Diâmetro da boca: 180 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

4 — *Taça*

Vidro transparente e incolor.

Conserva-se apenas um fragmento, completamente leitoso. Trisão branca esmaltada. Picado.

Perfil carenado e bordo de arestas vivas.

Altura do fragmento: 24 mm. Diâmetro da boca: 70 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

5 — *Taça*

Vidro translúcido, azul da Prússia, cheio de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentada e incompleta. Picado intenso na face externa. Esfoliação nas duas faces.

Perfil troncocônico. Fundo raso. Bordo de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas gravadas.

Altura: 68 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Espessura mínima: 2 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência, inédita.

6 — *Taça*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-sombrio, coalhado de bolhas de ar e muito estriado da soflagem, com algumas impurezas negras e pedra.

Muito fragmentada. Restaurada com resina acrílica. Sem vestígios de corrosão.

Taça hemisférica, de bordo oblíquo, tubular. Pé repuxado com turquês, formando um aro. Fundo ligeiramente côncavo, com marca de pontel.

Altura: 79 mm. Diâmetro da boca: 137 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2156-2157 (eram dois fragmentos, tomados inicialmente como de duas peças diferentes. Provou-se depois ao colar serem do mesmo vaso).

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 60.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), n.os 185 e 185a; A. Viana, 1955 (3), fot. 25 e 28; A. Viana, 1961, fot. 79 e 84.

7 — *Taça*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã.

Conservam-se quatro fragmentos. Vidro embaciado por forte leitosidade.

Bordo de arestas polidas ao torno. Perfil em S alongado. Decoração de linhas incisas.

Altura: 37 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

8 — *Taça*

Vidro transparente, verde-relva amarelado, cheio de bolhas de ar e espirais causadas pela sofiagem.

Fragmentada e incompleta. Picado, esfoliações e irisão esmaltada multicolor.

Paredes quase rectas, fundo ligeiramente côncavo. Bordo de arestas vivas.

Decorada com um cordão de vidro branco junto do bordo.

Altura: 64 mm. Diâmetro máximo: 141 mm. Espessura mínima: 0,25 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

9 — *Taça*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-esmeralda, com raras bolhas de ar e poucas impurezas negras no fundo.

Fragmentada mas quase completa. Restaurada com resina acrílica. Riscada pelo uso. Picado.

Copa hemisférica, de fundo achatado. Bordo de arestas vivas. Decorada com um cordão de vidro da mesma cor junto do bordo.

Altura: 67 mm. Diâmetro da boca: 111 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2148.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 83.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fot. 184 e 184a; A. Viana, 1955 (3), fot. 24 e 27; A. Viana, 1961, fot. 78 e 83.

10 — *Taça*

Vidro transparente e incolor, sem bolhas de ar.

Apenas se conserva um pequeno fragmento da parte superior da taça. Ligeiro picado concentrado especialmente sobre o cordão azul que circunda a taça.

Paredes ligeiramente encurvadas. Decorada com um fio de vidro azul-cobalto a 19 mm. do bordo.

Altura do fragmento: 23 mm. Diâmetro da boca: 130 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

11 — Taça

Vidro transparente e incolor com algumas bolhas de ar.

Conservam-se vários fragmentos da parte superior da taça. Leitosidade e picado incipientes. Concreções calcárias.

Paredes rectas e oblíquas, ligeiramente inclinadas para dentro. Bordo em forma de aba, polido ao fogo.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 120 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

COPOS

É difícil classificar o fragmento 12. Cabe talvez num grupo de taças campanulares de pé em forma de pavilhão de trombeta, de que se têm encontrado vários exemplares em Inglaterra: Hardknott, Corbridge, South Shields, Crundale, Richborough e Leicester, aqui num contexto de c. 180 d.C. (18).

O copo 13 assemelha-se a um de Chipre publicado por Vessberg mas não datado por este autor; o mesmo perfil encontra-se também em Chipre decorado com fios de vidro a toda a volta (19). Em Conímbriga encontram-se alguns fragmentos de copos semelhantes (20), que atribuímos ao século II ou m. O copo de Vila Viçosa achou-se na mesma sepultura do jarro aqui publicado com o número 27, e este, como veremos, é possivelmente da segunda metade do século n ou do ui d.C.

(18) Vid. D. Charlesworth, «Roman Glass in Tullie House Museum» in *Transactions of the Cumberland and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society*, New Series, LIX, 1959, pp. 37-38, e fig. 3.

(19) Vid. Vessberg, 1956, fig. 44,41 e 45,10.

(20) Vid. Alarcão, 1965, n.^{os} 123 e 125.

O copo 14 assemelha-se a um achado no túmulo 45 de Luxemburgsstrasse, em Colónia, com moedas de Vespasiano a Lúcio Vero e datável, portanto, de meados do século II pelo mais cedo (21). Os números 15 a 17 poderão talvez reconstituir-se como o número 14.

Pela qualidade do vidro e decoração de linhas gravadas, o copo 18 aproxima-se do grupo anterior, mas tem as paredes muito mais oblíquas.

Como paralelos mais próximos para o número 19 podemos citar: um copo de vidro castanho-dourado achado em Colónia e publicado por Fremersdorf, que o data do século I d.C.; e um outro copo, cipriota, apresentado por Vessberg, que este autor inclui no grupo dos copos sírios com inscrições, da segunda metade do século I d.C. (22).

Para os copos 20 e 22 (se é que este último é realmente um copo) não encontramos paralelos.

O número 21 aproxima-se de um copo de Colónia publicado por Fremersdorf e a outros dois de Weisenau apresentados por Behrens (23). Todos estes são do século I d.C.

O copo 23 cabe no tipo Isings 35. Este tipo, que tem uma distribuição principalmente mediterrânica (24), começou a fabricar-se nos inícios do terceiro quartel do século I pelo mais tardar pois em Pompeia há diversos exemplares. Os copos deste tipo encontrados fora de Pompeia e citados por Isings são todos de cronologia incerta, embora alguns tenham sido atribuídos provavelmente ao século II d.C. No século IV também se fabricaram copos com depressões, mas estas são mais estreitas e numerosas e o pé desses copos é mais pesado. Não temos portanto dúvida em atribuir aos séculos I ou II d.C. o copo de Vila Viçosa, embora seja muito mais alto e elegante que todos os exemplares conhecidos.

Para o copo 24, que já apresentámos no III Congresso das Journées Internationales du Verre como forma inédita dos vidros romanos, não encontramos, depois disso, paralelo próximo. Mertens publicou um

(21) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 78.

(22) Vid. Fremersdorf, *Römisches Buntglas in Köln*, Colónia, 1958, est. 53; Vessberg, 1956, fig. 44,4.

(23) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 74 e Behrens, «Römische Gläser aus Rheinhessen» in *Mainzer Zeitschrift*, XX-XXI (1925-26), p. 63 e fig. 1,2 e 3.

(24) É muito frequente em Chipre; todavia, entre os exemplares publicados por Vessberg, 1956, fig. 44 e 45, não se encontra nenhum muito semelhante ao nosso.

copo com pé igualmente em forma de pavilhão de trombeta e decorado com depressões, mas diferente do nosso pela forma ovoide da copa (25).

12 — *Copo*

Vidro transparente, verde-azeitona, com algumas bolhas de ar e muitas espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Leitosidade incipiente.

Copa campanular, decorada com linhas incisas. Bordo de arestas polidas ao torno.

Altura: 62 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

13 — *Copo*

Vidro transparente, incolor, com algumas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado e leitosidade incipientes.

Bordo envasado, de arestas polidas ao torno; copa carenada; pé tubular; fundo côncavo. Decoração de linhas incisas.

Altura: 77 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 26; A. Viana, 1958, fot. 184; A. Viana, 1961, fot. 82 e 124.

14 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado incipiente. Riscado pelo uso.

Copa campaniforme, fundo achatado e bordo de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas incisas sob o bordo.

Altura: 78 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 18; A. Viana, 1958, fot. 183; A. Viana, 1961, fot. 81 e 123.

(25) Vid. Mertens, «Une riche tombe gallo-romaine découverte à Tirlémont (Belgique)» in *V'Antiquité Classique*, XXI (1952), p. 66 e fig. 20.

15 — *Copo*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, cheio de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado pouco profundo, mas atacando completamente todo o vidro. Irisão esmaltada de cor terrosa na face interna.

Copa campanular decorada com linhas incisas. Bordo de arestas polidas ao torno.

Altura do fragmento: 74 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

16 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com raras bolhas de ar.

Apenas se conserva um fragmento da parede e do bordo, este todo esborcelado. Picado incipiente.

Copa campanular, decorada com linhas esmeriladas. Bordo de arestas provavelmente polidas ao torno.

Altura do fragmento: 41 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

17 — *Copo*

Vidro transparente, fumado, com raras bolhas de ar.

Apenas se conserva um pequeno fragmento. Leitosidade e picado incipientes. Bordo envasado, de arestas polidas ao torno.

Altura: 20 mm. Diâmetro da boca: 90 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

18 — *Copo*

Vidro transparente, quase incolor, apenas ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Conserva-se apenas um fragmento do bordo e da parede, sem vestígios de corrosão.

Bordo envasado, de arestas polidas ao torno. Decoração de linhas esmeriladas.

Altura do fragmento: 18 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

19 — *Copo*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-sombrio, com algumas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Picado superficial e leitosidade. Muito riscado pelo uso. Fragmentado e reconstruído com resina acrílica.

Copo cilíndrico, de bordo envasado com arestas polidas ao torno. Decorado com três bares de linhas esmeriladas.

Altura: 71 mm. Diâmetro da boca: 91 mm. Espessura: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 18.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 20, 125; A. Viana, 1961, fot. 41.

20 — *Copo*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, com raras bolhas de ar e algumas impurezas negras.

Fragmentado e incompleto. Manchas de desvitrificação provocadas por choque térmico. Ligeira mas uniformemente embaciado em toda a superfície.

Copa em forma de campânula, com fundo achatado e bordo de arestas polidas ao torno. Tem uma linha incisa sob o bordo.

Altura: 91 mm. Diâmetro da boca: 109 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

21 — *Copo*

Vidro transparente, verde-azeitona com muitas bolhas de ar.

Fragmentado e reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa. Riscado pelo uso.

Copa em U, decorada com linhas incisas. Bordo envasado de arestas vivas.

Altura: 98 mm. Diâmetro da boca: 93 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Torre das Arcas, sepultura 62.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (2), fig. 6, 41; A. Viana, 1961, fot. 36 (Dado, por engano, como proveniente de Aljustrel).

22 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Apenas se conserva um fragmento da parede e do fundo. Picado na superfície externa; esfoliações.

Fundo ligeiramente côncavo; copa decorada com linhas esmeriladas.

Altura: 41 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

23 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com algumas bolhas de ar e ligeiras impurezas.

Fragmentado e restaurado com resina acrílica. Riscado e esborcelado pelo uso, mas sem vestígios de corrosão.

Copa decorada com quatro grandes depressões ovais. Bordo envasado, de arestas polidas ao torno, sublinhado por traços horizontais finamente incisos. Fundo côncavo e pé tubular.

Altura: 192 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 6; A. Viana, 1958, fot. 177; A. Viana, 1961, fot. 91.

24 — *Copo*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas de ar e impurezas.

Muito fragmentado. Reconstruído com resina acrílica. Picado superficialmente na face externa, com esfoliações e intensa leitosidade, esta na face interna.

Copa decorada com seis depressões ovais. Pé em pavilhão de trombeta. Bordo de arestas, polidas ao torno, sublinhado por dois traços esmerilados. Um outro traço corre mais abaixo, sobre o ombro.

Altura: 150 mm. Diâmetro da boca: 68 mm. Espessura mínima do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2150.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 14.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 17, n.º 39; A. Viana, 1955 (3), fot. 5; A. Viana 1961, fig. 4 (onde, por engano, é dado como achado na necrópole do Padrão) e fot. 27; Alarcão, 1964, fig. 17.

JARROS

Os números 25 e 26 são formas inéditas de que não encontramos, nem mesmo em Portugal, outros exemplares.

O jarro 27 é de tipo Isings 88b. Tsings cita exactamente este jarro da necrópole de Serrones como o exemplar mais antigo do seu tipo 88b. A cronologia da sepultura, em que se achou também o número 11 deste artigo, e que Tsings julga de meados do século n d.C., é, porém, imprecisa. Os outros exemplares datáveis citados por Isings, aliás

escassos, são da segunda metade do século n ou dos inícios do m d.C. No cemitério de Ospringe (Kent, Inglaterra), Whiting encontrou um jarro semelhante, infelizmente associado apenas a pequenos fragmentos de cerâmica não datáveis. Pode ainda citar-se como paralelo um exemplar publicado por Vessberg e único em Chipre. Também não é datável (26).

25 — *Jarro*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-musgo, coalhado de bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem; filandrado.

Fragmentado e incompleto; reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa. Ténue leitosidade embacia toda a face interna. Muito riscado pelo uso.

Corpo bulboso, fundo ligeiramente côncavo, boca larga e circular, bordo revirado para dentro, tubular. Asa de secção em D.

Altura: 80 mm. Diâmetro máximo: 74 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2146.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 11, n.º 153 e 153a; A. Viana, 1961, fot. 88 e 93.

26 — *Jarro*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar e com impurezas negras.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado superficial.

Corpo ovoide, sem gargalo; boca circular; bordo revirado para dentro, tubular; fundo côncavo; pé ligeiramente apertado com turquês; tem uma asa formada por um fio de vidro da mesma cor que se dobra e redobra sobre o bordo de modo a formar um apoio para o polegar.

Altura: 131 mm. Diâmetro máximo: 76 mm. Espessura média do vidro: 0,75 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 2; A. Viana, 1958, fot 186; A. Viana, 1961, fot. 29.

(26) Vid. Whiting, *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent*, Oxford, 1931, n.º 154; Vessberg, 1956, fig. 46,13.

27 — Jarro

Vidro transparente, verde-sombrio, com muitas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Leve picado na face externa.

Bojo esférico, fundo côncavo, boca trilobada e bordo revirado para dentro.

Asa de dois braços assentes sobre a parte trazeira do bordo e com apoio para o polegar; revirada para cima na base.

Altura: 170 mm. Diâmetro máximo : 122 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2155.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 18.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 17, n.^{os} 42 e 42a; A. Viana, 1955 (3), fot. 217; A. Viana, 1961, fig. 2 e fot. 1 e 99.

CÂNTARO

Embora não sejam muito frequentes, há nos séculos i e II d.C. alguns pequenos cântaros de duas asas como o número 28. Fremersdorf publicou um encontrado em Colónia; é, porém, de bojo esférico, sem pé. Simonett apresentou um outro, mais semelhante no perfil e no pé ao de Vila Viçosa, encontrado num túmulo do segundo quartel do século i d.C. juntamente com sigillata de L. Avilius e L. Gellius. Em Pompado, Mezquiriz encontrou um cântaro também semelhante mas com o pé formado por cordão de vidro e atribuiu-o ao século i d.C. Em Itálica achou-se um outro, que Bellido considerou do século i ou ii d.C., embora não se tenha encontrado em contexto datável (27). No túmulo 427 da necrópole de Valdoça, cujo espólio publicámos no último número desta revista, encontrou-se um cântaro semelhante.

28 — Cântaro

Vidro transparente, verde-relva amarelado, com muitas impurezas negras nas asas, algumas bolhas de ar muito grandes e espuma de pequeninas bolhas.

(27) Vid. Fremersdorf, 1958, est. 34; Simonett, *Tessiner Gräberfelder*, Basileia, 1941, p. 78 e fig. 61 (cfr. a recensão de Lamboglia in *Rivista di Studi Liguri*, IX (1943), pp. 142 e 173); M. A. Mesquiriz de Catalán, *La excavación estratigráfica de Pompaelo*, Pamplona, 1956, fig. 143; A. Garcia y Bellido, *Colonia Aelia Augusta Italica*, p. 162, fig. 59, n.º 2.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Bastante riscado pelo uso, ligeiramente picado e com ténue leitosidade.

Bojo globular, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquês. Boca larga, bordo repuxado para fora e dobrado depois para dentro, mas polido ao fogo com grande perfeição. Duas asas de fita que se prendem no colo, descem ligeiramente, dobram-se e sobem até se prenderem no bordo e descem novamente sobre os ombros.

Altura: 98 mm. Diâmetro da boca: 75 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole de Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 1; A. Viana, 1958, fot. 185; A. Viana, 1961, fot. 28.

GARRAFAS

As garrafas hexagonais, como as de número 29 e 30 deste artigo, são geralmente consideradas como da segunda metade do século i d.C. Há todavia alguns exemplos posteriores, a que já fizemos referência ao tratarmos dos vidros de Conímbriga (28). O número 30 poderia ter boca circular; a garrafa 29 tem-na todavia tribolada — o que deve ser raro em garrafas hexagonais pois não conhecemos nenhum outro exemplo. Uma garrafa hexagonal de Chipre tem asa muito semelhante à do Padrãozinho, também com apoio para o polegar (29).

Os números 31 e 32 são talvez garrafas, cujo tipo não se pode determinar por estarem muito incompletas.

As garrafas 33 a 38 são de tipo Isings 50. Esta forma surgiu no período de Cláudio ou Nero, tornou-se muito comum sob os Flávios e continuou a fabricar-se ainda pelo século n; há exemplares dos séculos ui e iv, mas raros e feitos de um vidro de fraca qualidade. Todas as garrafas de Vila Viçosa são da segunda metade do século i d.C. ou do ii d.C., embora seja difícil precisar-lhes a cronologia. A pequena garrafa 34 tem paralelo numa de Tongres e em outras duas publicadas por Fremersdorf (30), encontradas em contextos não datáveis mas possivelmente do século n. As garrafas muito altas como a nossa

(28) Vid. Alarcão, 1965, p. 92.

(29) Vid. Vessberg, 1956, fig. 47,6.

(30) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.º 64 e Fremersdorf, 1958, est. 119.

de número 35 são menos comuns, mas há vários exemplares, alguns mesmo datáveis, como as de Tongres, encontradas em dois túmulos de c. 125 e da primeira metade do século n d.C. (31). Ainda em Tongres há paralelos para os ombros muito oblíquos do nosso número 36 (32).

A marca LLF da garrafa 33 é inédita. Conhecemos apenas um outro exemplo numa garrafa do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (inv. n.º 15707), mais baixa que a garrafa de Vila Viçosa.

Os fundos moldados com círculos concêntricos são comuns e já a propósito de garrafas semelhantes de Conímbriga citámos vários exemplos (33). Uma garrafa de Vindonissa tem, como a nossa de número 36, uma lingueta projectada de um dos círculos, mas para o interior (34).

As garrafas 39 e 40 são de um tipo inédito de que só conhecemos estes dois exemplares portugueses.

29 — *Garrafa*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-sombrio, filandrado, com pedra e cheio de bolhas de ar e espirais encordoadas resultantes da soflagem.

Fragmentada e restaurada com resina acrílica. Picado. Leitosidade por toda a face interna.

Bojo hexagonal, fundo ligeiramente côncavo; boca trilobada, bordo tubular revirado para dentro. Asa de fita, tripartida, com apoio para o polegar.

Altura: 130 mm. Diâmetro da base: 83 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2144.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 60.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 12, n.ºs 182 e 182a; A. Viana, 1955 (3), fot. 222; A. Viana, 1961, fot. 94 e 101.

30 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar e encordoamentos resultantes da soflagem.

(31) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.ºs 68-71 e 59-60. Sobre a altura das garrafas de tipo lsings 50 vid. D. Charlesworth, «Roman square bottles» in *Journal of Glass Studies*, VIII (1966), 9-29.

(32) Vid. Vanderhoeven, 1962, n.ºs 48, 51-55 e 57.

(33) Vid. Alarcão, 1965, p. 91 e nota 5.

(34) Vid. Berger, 1960, n.º 200.

Fragmentada e incompleta. Picado incipiente.
 Bojo hexagonal, fundo raso, ombros descaídos.
 Altura: 83 mm. Diâmetro máximo: 78 mm. Espessura do vidro: 1 mm.
 Sem número de inventário.
 Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.
 Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV; A. Viana, 1961, fot. 20.

31 — *Garrafa*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de amarelo-ocre.
 Picado superficial em toda a superfície externa. Leitosidade.
 Fundo ligeiramente côncavo. Decoração de linhas incisais.
 Altura: 30 mm. Diâmetro máximo: 102 mm.
 Número de inventário: 2028.
 Sem indicação de proveniência.
 Inédita.

32 — *Garrafa*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de amarelo-ocre.
 Picado superficial em toda a superfície externa. Leitosidade.
 Fundo ligeiramente saliente ao centro de modo a formar uma base. Decoração de linhas incisais.
 Altura: 23 mm. Diâmetro máximo: 76 mm.
 Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
 Inédita.

33 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar, com algumas impurezas e estrias provenientes da soflagem.
 Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Ligeiro picado.
 Garrafa de secção quadrada, ombros arredondados, bordo revirado para fora e depois para dentro num perfil de martelo. Asa bífida. O fundo apresenta, em relevo, a marca LLF inscrita num losango e tem quatro apoios em L aos cantos.
 Altura: 141 mm. Diâmetro máximo 64 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.
 Número de inventário: 2143.
 Sem indicação de proveniência.
 inédita.

34 — *Garrafa*

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar e pedra; estrias resultantes da soflagem.
 Fragmentada e incompleta. Sem irisão nem outra forma de corrosão.
 Bojo sobre o quadrado, ombros arredondados, fundo côncavo decorado com

dois círculos em relevo. Bordo revirado para fora e depois para dentro, formando uma pequena aba. Asa tripartida.

Altura: 88 mm. Diâmetro da base: 66 mm. Espessura mínima do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 19; A. Viana, 1958, fot. 249; A. Viana, 1961, fot. 18 e 121.

35 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar, pedra, impurezas negras e estrias provenientes da soflagem.

Fragmentada e parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado intenso na face externa e riscos causados pelo uso.

Garrafa de secção quadrangular, ombros arredondados, bordo dobrado para fora e revirado para dentro. Asa de fita, larga, polinervada. Fundo com quatro apoios em L aos cantos.

Altura: 247 mm. Diâmetro máximo: 88 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), n.º 4; A. Viana, 1958, fot. 179; A. Viana, 1961, fot. 69 e 70.

36 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-sombrio, completamente coalhado de bolhas de ar, com filandrado e pedra.

Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado intenso em toda a superfície externa.

Garrafa de secção quadrangular, ombros descaídos, bordo dobrado para fora e revirado para dentro, formando uma aba descaída. Asa bífida. Fundo côncavo, decorado com dois círculos concêntricos em relevo, um dos quais com uma lingueta projectada para fora, e uma pérola ao centro.

Altura: 162 mm. Diâmetro máximo: 78,5 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 7; A. Viana, 1958, est. XIV, n.º 248; A. Viana, 1961, fot. 17 e 120.

37 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, cheio de bolhas de ar.

Apenas se conservam alguns fragmentos da base e das paredes. Riscado pelo uso. Picado e esfoliações na face externa.

Garrafa de secção quadrangular, paredes verticais e fundo côncavo.

Altura: 53 mm. Largura máxima: 55 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

38 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-relva, coalhado de bolhas de ar e com alguma pedra.

Fragmentada e sem asa, picada na face externa, com ranhuras profundas cortando a espessura do vidro, muito riscada do uso. Reconstruída com resina acrílica.

Bojo de secção quadrada, fundo ligeiramente côncavo com dois círculos concêntricos e um ponto ao centro, em relevo. Ombros arredondados, bordo triangular, dobrado para fora e revirado para dentro.

Altura: 165 mm. Diâmetro máximo: 81 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, n.º 178; A. Viana, 1961, fot. 104.

39 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-relva, filandrado, com muitas bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado ligeiro na face externa. Riscos do uso.

Bojo de secção circular, ombros muito arredondados e paredes arqueadas. Fundo côncavo. Bordo tubular. Asa bífida.

Altura: 129 mm. Diâmetro máximo: 109 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 9; A. Viana, 1958, est. XIV; A. Viana, 1961, fot. 66 (dada, por engano, como proveniente de Aljustrel).

40 — *Garrafa*

Vidro transparente, verde-gelo, filandrado, coalhado de bolhas de ar e com espirais resultantes da soffragem.

Fragmentada e reconstruída com resina acrílica. Picado superficial.

Bojo de secção circular, ombros muito arredondados, fundo côncavo. Bordo dobrado para fora e revirado para dentro, formando uma pequena aba ligeiramente descaída. Asa de fita.

Altura: 137 mm. Diâmetro máximo: 112 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 11, n.º 152; A. Viana, 1961, fot. 87 e 92.

ANFORETAS

A peça número 41 é uma forma inédita. Podíamos aproximá-la de uma anforeta descoberta num túmulo de c. 200 d.C. debaixo da igreja de S. Severino de Colónia; esta tem, porém, pansa mais piriforme, bocal afunilado e a parte inferior das asas trabalhada aos degraus (35). A nossa peça foi encontrada com um vaso de terra sigillata hispânica de forma inédita mas possivelmente do século II d.C. (36).

O número 42 pertence talvez a uma anforeta do mesmo tipo.

41 — Anforeta

Vidro transparente, verde-gelo, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado. Leitosidade incipiente.

Corpo globular, gargalo alto e cilíndrico, com duas asas virguliformes feitas de um fio de vidro da mesma cor. Fundo côncavo e pé ligeiramente apertado com turquêsas. Bordo tubular.

Altura: 181 mm. Diâmetro máximo: 80 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm. Número de inventário: 2149.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 52.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fig. 13; A. Viana, 1961, fig. 5; Alarcão, 1964, fig. 14a.

42 — Anforeta

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar.

Fragmentada e incompleta. Parcialmente reconstruída com resina acrílica. Picado incipiente. Riscada pelo uso.

Corpo elíptico, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquêsas.

Altura: 108 mm. Diâmetro máximo: 92 mm. Espessura do vidro: 0,75 mm. Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédita.

(35) Vid. Fremersdorf, *Römische Glaser mit Fadenuflage in Köln*, Colónia, 1959, est. 79.

(36) Vid. A. Alarcão, «Algumas peças de terra sigillata na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa» in *Conimbriga*, II-III (1960-61), p. 198.

JARRA

A jarra 43 também não tem paralelo exacto. Aproxima-se todavia de uma encontrada num túmulo de Ampúrias e atribuída por Almagro à época de Tibério ou Cláudio (37). Poderíamos ainda aproximá-la do tipo Morin-Jean 62; datável do século m, sobretudo do tempo de Heliogábalo e Alexandre Severo, segundo Morin-Jean, este tipo apresenta geralmente uma decoração serpentiforme; tem todavia uma pansa mais elíptica, menos piriforme que o vaso de Vila Viçosa (38).

43 — *Jarra*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e muitas espirais provocadas pela soflagem.

Fragmentada e restaurada com resina acrílica. Picado e esfoliações. Riscada pelo uso.

Corpo piriforme, decorado com linhas incisas, fundo côncavo, pé ligeiramente apertado com turquêses; gargalo alto, levemente afunilado e bordo de arestas vivas.

Altura: 220 mm. Diâmetro máximo: 77 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2153.

Proveniência: necrópole da Chaminé.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 3; A. Viana, 1958, est. IX, n.º 1; A. Viana, 1961, fot. 14 e 46; Alarcão, 1964, fig. 14b.

BALÕES

O número 44 é difícil de classificar pois que lhe falta o gargalo. É talvez um tipo Isings 70 ou 103.

O número 45 é, pela mesma razão, difícil de identificar. Cabe possivelmente no tipo Isings 92, uma forma de bojo esférico e gargalo afunilado, típica do século n d.C.

(37) Vid. M. Almagro, *Las necropolis de Ampúrias, II*, Barcelona, 1955, Tablas no final do volume.

(38) Vid. Morin-Jean, 1913, p. 119 e Fremersdorf, *Römische Glaser mit Fadenaufilage in Köln*, Colónia, 1959, est. 10.

O número 46 é de tipo Isings 16, forma que surgiu no segundo quartel do século i d.C. e se fabricou por todo o século.

44 — *Balão*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona, com algumas bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado ligeiro em toda a face externa. Leve embaciamento de todo o vidro.

Corpo quase esférico, decorado com uma linha gravada, fundo umbilicado. Gargalo estrangulado na base.

Altura: 62 mm. Diâmetro máximo: 74 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

45 — *Balão*

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente restaurado com resina acrílica. Picado incipiente cobrindo totalmente ambas as faces. Riscado pelo uso.

Bojo globular achatado, decorado com linhas incisas. Fundo levemente arqueado. Gargalo estreito na base.

Altura: 80 mm. Diâmetro máximo: 96 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 10; A. Viana, 1958, est. XIV, fot. 180;

A. Viana, 1961, fot. 60.

46 — *Balão*

Vidro transparente, azul petróleo, com muitas bolhas de ar, pequenas, e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e reconstruído com resina acrílica. Esfoliações nas duas faces e picado intensivo. Leitosidade em toda a face interna.

Bojo piriforme, base achatada, gargalo cilíndrico. Bordo tubular.

Altura: 160 mm. Diâmetro máximo: 87 mm. Espessura média do vidro:

1 mm.

Número de inventário: 2163.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 7.

BOIÕES

O pequeno boião 47 é muito semelhante a um do Museu Municipal da Figueira da Foz, encontrado na Serra de Portalegre. Ao publicarmos este último citámos já o boião de Vila Viçosa e outros paralelos em Mérida e Ampúrias e sugerimos para estes vasos o século i d.C. (39). Podemos acrescentar um boião encontrado num túmulo de c. 100 d.C. em Planig (Alemanha) (40).

O número 48 poderá integrar-se no tipo Isings 68. Neste tipo, comum nos fins do século i e por todo o século II d.C., há grande variedade; não encontramos, porém, nenhum de bojo aos gomos como o de Vila Viçosa.

47 — *Boião*

Vidro transparente, verde-gelo, muito cheio de bolhas e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado ligeiro em ambas as faces e leitosidade incipiente.

Pequeno boião globular, de base achatada, boca larga e bordo voltado para fora e depois sobre si mesmo, formando um pequeno lábio arredondado.

Altura: 37,5 mm. Diâmetro da boca: 40 mm. Espessura mínima do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
inédito.

48 — *Boião*

Vidro transparente, verde-gelo, com bolhas de ar e muitas espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Irisão multicolor. Picado intenso em ambas as faces.

Corpo globular com depressões ovais; fundo côncavo; bordo tubular, revirado para dentro.

Altura: 86 mm. Diâmetro máximo: 100 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.
Inédito.

(39) Vid. J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz» in *Revista de Guimarães*, LXXIV, (1964), pp. 92-93.

(40) Vid. Kessler, «Jahresbericht des Altertums-Museums des Stadt Mainz für der Zeit vom 1 April 1939 bis 31, März, 1940» in *Mainzer Zeitschrift*, XXXV (1940), p. 71.

UNGUENTÁRIOS

Os unguentários de números 49-51 cabem num grupo de vasos de reservatório bulbiforme que, no Ocidente, datam da segunda metade do século i d.C. (41).

São de tipo Isings 82 A2 os números 52 e 53. Isings data este tipo do fim do século i até ao fim do II d.C. Vários unguentários deste tipo apresentam no fundo uma marca rodada, por vezes à volta de uma ou duas letras ou de uma figura (Minerva, galo, caduceu, etc.). O nosso balsamário tem no fundo a seguinte marca: CN.A.ING.V.A.V.M à volta de um V. Kisa registou esta marca, bem como variantes em que as letras centrais são MAF (em nexa), S,AF ou A. Seguindo Dressel, entende que se deve ler Cn. A() Ing(enui); e sugere que VAVM são letras iniciais de um topónimo (42). Froehner sugeriu que AV se devia ler *artificium vitriariorum* (43). Dumoulin publicou recentemente um unguentário do mesmo tipo com a legenda ...IAICV... à volta de um V (44).

O número 54 cabe no tipo 82 B2 de Isings, cuja cronologia vai também do fim do século i ao III d.C. É um tipo que parece ser raro em Portugal, pois conhecemos apenas dois outros exemplos, um proveniente da Escalosa de Cima (Beira Baixa) e outro da Aramenha (45).

Os pequenos unguentários 55 e 56 são certamente do século i d.C. O primeiro assemelha-se a um encontrado em Vindonissa; para o segundo há paralelos frequentes nas necrópoles do Ticino, em Vindo-

(41) Vid. Alarcão, 1963, pp. 201-202.

(42) Vid. Kisa, *Das Glas in Altertume*, Leipzig, 1908, p. 939.

(43) Vid. Froehner, *La verrerie antique. Description de la collection Charvet*, Le Pecq, 1878, p. 24.

(44) Vid. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)» in *Gallia*, XXII (1964), p. 100 e fig. 19F. A marca, diz o autor, é difícil de ler. É possível pois que Dumoulin tenha errado a leitura.

(45) Vid. J. Leite de Vasconcelos «Antigualhas da Beira-Baixa. 2. Objectos romanos de Escalosa de Cima», in *O Archeologo Português*, XXIII, p. 3 e fig. 11; J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 375-376.

nissa, no sul de França, etc. (46). Todos estes paralelos são do século i d.C., e alguns mesmo do primeiro quartel desse século.

Os unguentários 57 a 59, em forma de gota, são típicos dos reinados de Augusto e Tibério; os números 60 e 61, com estrangulamento bastante alto, são de época anterior a Cláudio; os números 62 a 65, estrangulados a meia altura ou mais abaixo, vão dos fins do reinado de Tibério à época de Tito (47).

49 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul petróleo, com muitas bolhas de ar, pedra e filandrado.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Picado na face externa; ranhuras profundas atravessando toda a espessura do vidro; ligeira leitosidade. Muito riscado pelo uso.

Reservatório bulbiforme, fundo achatado, gargalo alto e cilíndrico, bordo tubular revirado para dentro.

Altura: 118 mm. Diâmetro máximo: 70 mm. Espessura média do vidro: 3 mm.

Número de inventário: 2090.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 51.

50 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com algumas bolhas de ar e filandrado.

Intacto. Ligeiro picado na face externa. Esfoliações e leitosidade incipiente na face interna.

Reservatório bulbiforme, fundo achatado, gargalo alto e cilíndrico, bordo tubular revirado para dentro.

Altura: 124 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2151.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 14; A. Viana, 1958, est. VI, n.º 92; A. Viana, 1961, fot. 119.

(46) Vid Berger, 1960, n.º 184 e 183; Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia, 1941, pp. 46, 80, 135, 139 (cfr. a cronologia destes túmulos em Berger, 1960, pp. 91 e segs.); E. Mosca, «Note archeologiche Pollentine— Scavo del settembre 1958 nella necropoli di Pollenzo» in *Revista di Studi Liguri*, XXIV (1958), p. 346.

(47) Sobre a cronologia destes unguentários vid. Alarcão, 1963, pp. 181-183.

Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa 27

51 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com algumas bolhas de ar.

Apenas se conserva o reservatório e parte do gargalo. Picado intensivo na face externa. Leitosidade e esfoliações incipientes.

Reservatório bulbiforme, de fundo achatado.

Altura do reservatório: 50 mm. Diâmetro máximo: 62 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Número de inventário: 2164.

Proveniência: Jerumenha.

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 54.

52 — *Unguentário*

Vidro transparente, entre verde-gelo e verde-relva, com grandes bolhas de ar, filandrado e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado intensivo na face externa e largas esfoliações.

Reservatório triangular de fundo côncavo e paredes onduladas, gargalo cilíndrico, estrangulado na base, bordo dobrado para fora e revirado depois para dentro formando aba.

Altura do reservatório: 33 mm. Diâmetro máximo: 77 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Número de inventário: 2022.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 22.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 20, n.º 124 (na p. 11 é dado, por engano, como da necrópole do Padrãozinho); A. Viana, 1961, fot. 6.

53 — *Unguentário*

Vidro transparente, entre verde-relva e verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Reconstruído com resina acrílica. Picado e esfoliações nas duas faces.

Reservatório triangular, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, estrangulado na base, bordo virado para fora formando uma aba larga e terminando num lábio tubular. Tem na base, em relevo, a marca CN.A.ING.V.A.V.M. à volta de um V.

Altura: 121 mm. Diâmetro da base: 80 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2152.

Proveniência: necrópole do Padrãozinho, sepultura 112.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 12, n.º 183 e 183a e fig. 20, n.º 1; A. Viana, 1961, fot. 95 e 102.

54 — *Unguentário*

Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar.

Falta-lhe o bordo e parte do gargalo. Picado na superfície externa; riscado pelo uso; embaciado por tênue leitosidade da face interna.

Reservatório em boca de sino, gargalo alto e estreito, fundo ligeiramente côncavo.

Altura: 75 mm. Diâmetro da base: 38 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2162.

Proveniência: herdade de «A do Rico».

Bibliografia: A. Viana, 1961, fot. 22.

55 — *Unguentário*

Vidro translúcido, de cor azul da Prússia, coalhado de bolhas de ar, com alguma pedra e filandrado. Mau fabrico.

Fragmentado e de bordo esborcelado. Reconstruído com resina acrílica. Picado intensivo na face externa. Ligeiramente embaciado em toda a superfície.

Reservatório piriforme, fundo ligeiramente côncavo, bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 51 mm. Diâmetro máximo: 36 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2276.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 11; A. Viana, 1958, est. XIV, 181 e fig. 6, n.º 7; A. Viana, 1961, fot. 33 e 107 e fig. 21.

56 — *Unguentário*

Vidro translúcido, azul da Prússia, com raras bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Falta-lhe um bocado do corpo, que foi reconstruído com resina acrílica. Picado profundo por toda a superfície; irisão esmaltada de cor castanha na face interna e ligeira leitosidade.

Corpo esférico, fundo ligeiramente umbilicado, bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 49 mm. Diâmetro máximo: 35 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2275.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 13; A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 8 e est. XIV; 182; A. Viana, 1961, fot. 35 e 109 e fig. 21.

57 — *Unguentário*

Vidro transparente, levemente tingido de azul Caran d'Ache, filandrado, com muitas bolhas de ar e estrias causadas pela soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado, esfoliações e leitosidade.

Reservatório em forma de pingo de mel, de fundo ligeiramente umbilicado. Bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 77 mm. Diâmetro da boca: 20 mm. Espessura do vidro; 0,5 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência. É talvez o unguentário que aparece em A. Viana, 1958 est. XX, sem número, ao lado do n.º 156, e neste caso terá sido achado na necrópole da Horta das Pinas.

58 — *Unguen tário*

Vidro transparente, azul-cobalto claro, filandrado, com algumas bolhas de ar e estrias provenientes da soflagem.

Bordo esborcelado. Picado e cheio de esfoliações. Leitosidade e irisão esmaltada.

Reservatório em forma de gota; bordo de arestas vivas.

Altura: 114 mm. Diâmetro da boca: 23 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2277.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 12; A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 6 e est. XIV, 190; A. Viana, 1961, fot. 34 e 108.

59 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, coalhado de bolhas de ar e espirais provocadas pela soflagem.

Fragmentado e restaurado com resina acrílica. Riscado pelo uso.

Reservatório em forma de gota, bordo envasado de arestas polidas ao fogo.

Altura: 83 mm. Diâmetro da boca: 19 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Sem número de inventário nem indicação de proveniência.

Inédito.

60 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul-petróleo, filandrado, com muitas bolhas de ar, pedra e estrias encordoadas.

Intacto. Esfoliações na face interna. Pequenas manchas leitosas.

Reservatório tubular, estrangulado na parte superior; fundo ligeiramente umbilicado; bordo de arestas polidas ao fogo.

Altura: 106 mm. Diâmetro da boca: 19 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2279.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, 189 e fig. 6, n.º 9; A. Viana, 1961, fot. 115

61 — *Unguentário*

Vidro transparente, levemente tingido de verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e parcialmente reconstruído com resina acrílica. Picado e esfoliações na face externa. Leitosidade na face interna.

Reservatório em forma de gota, com estrangulamento na parte superior. Fundo achatado.

Altura: 89 mm. Diâmetro da boca: 17 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Sem número de inventário.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, fig. 6, n.º 4 e est. XIV, 187; A. Viana, 1961, fot. 111.

62 — *Unguentário*

Vidro transparente, azul petróleo, com bolhas de ar e estrías provenientes da soflagem.

Intacto. Ténue leitosidade na face interna e picado incipiente. Riscos feitos pelo uso.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo achatado e bordo de arestas vivas.

Altura: 138 mm. Diâmetro da boca: 26 mm. Espessura do vidro: 1,75 mm.

Número de inventário: 2159.

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 16.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fot. 18, n.º 48; A. Viana, 1961, fot. 125.

63 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-esmeralda, filandrado, com algumas bolhas de ar e espirais provenientes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Riscado pelo uso. Leitosidade e picado incipientes.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura.

Altura: 111 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2160.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (3), fot. 20; A. Viana, 1958, est. IX, n.º 94; A. Viana, 1961, fot. 126.

64 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, filandrado, com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Inteiro. Ligeiro picado; ranhuras fortes cortando toda a espessura do vidro. Leitosidade.

Reservatório tubular com estrangulamento a meia altura. Fundo ligeiramente umbilicado. Bordo polido ao fogo.

Altura: 110 mm. Diâmetro da boca: 17 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Número de inventário: 2161 (ou 2167?).

Proveniência: necrópole de Serrones, sepultura 7.

Bibliografia: A. Viana, 1955 (1), fig. 18, n.º 44; A. Viana, 1961, fot. 127.

65 — *Unguentário*

Vidro transparente, verde-gelo, com raras bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Completo, com o bordo esborcelado. Picado intensivo em ambas as faces. Leitosidade e irisão esmaltada sobre toda a face interna.

Reservatório tubular com estrangulamento na parte inferior. Fundo convexo. Bordo de arestas vivas.

Altura: 170 mm. Diâmetro da boca: 24 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 2278.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, 1958, est. XIV, fot. 188; A. Viana, 1961, fot. 113.

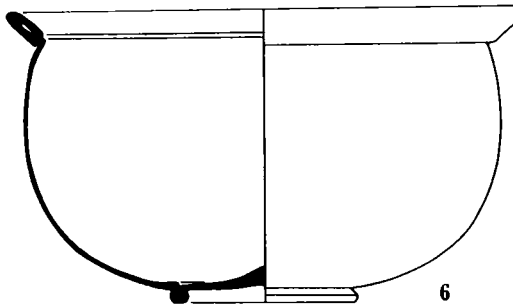
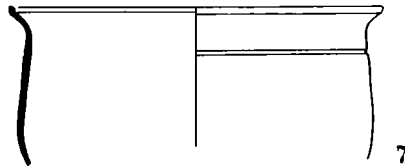
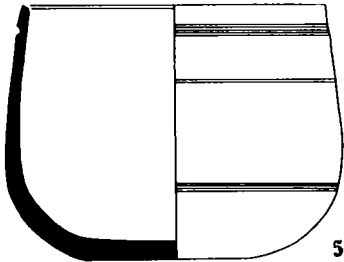
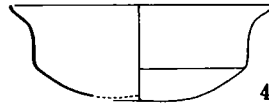
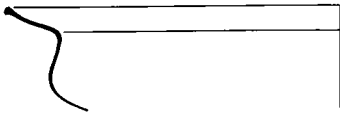
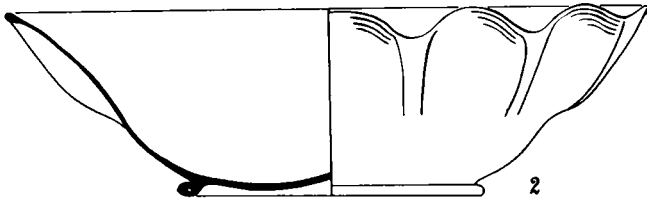
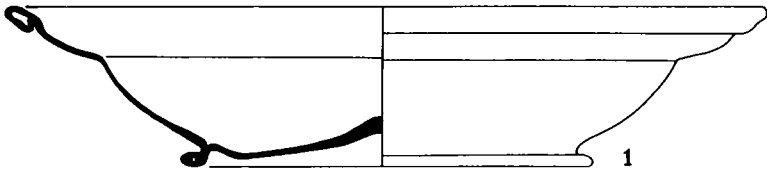
JORGE e ADÍLIA ALARCÃO

ABREVIATURAS USADAS

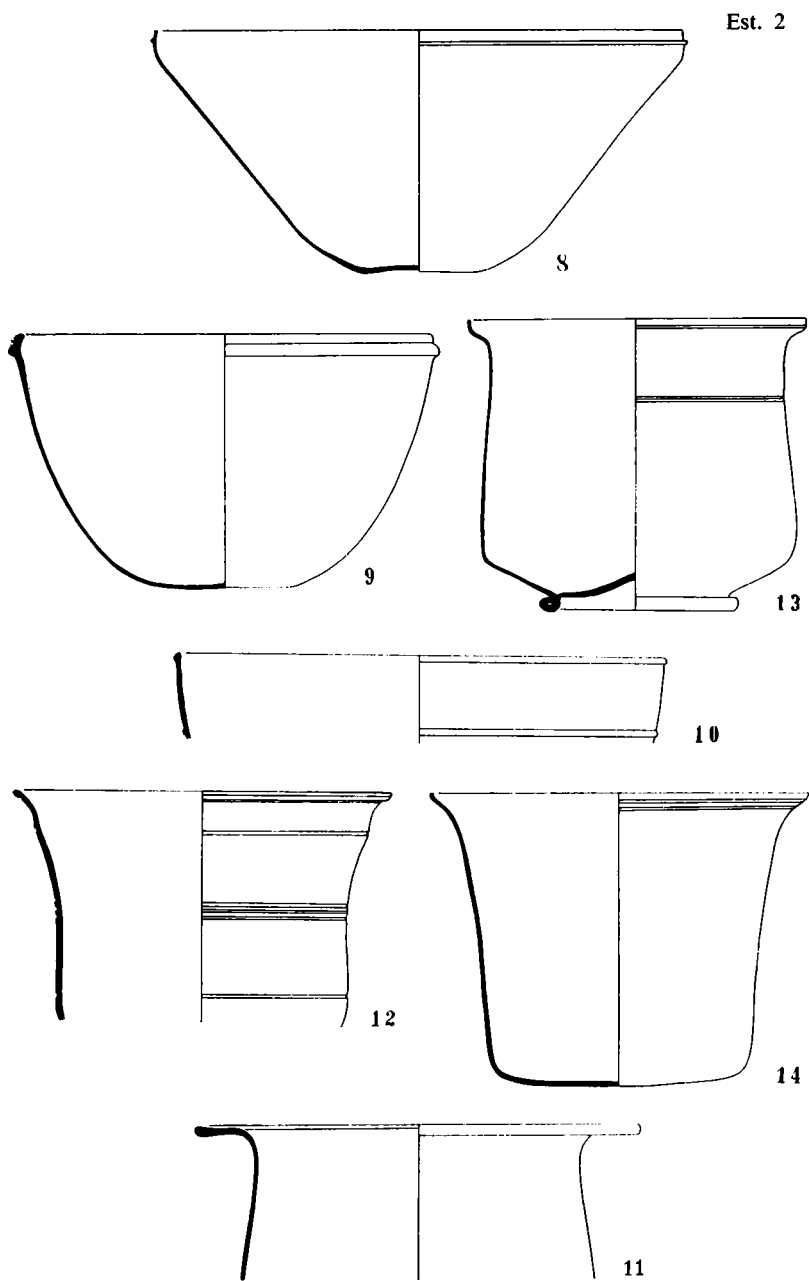
- Alarcão, 1963: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento» in *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), pp. 175-209.
- Alarcão, 1964: J. Alarcão, «Formes peu communes de la verrerie romaine au Portugal» in *Amales du 3^e Congrès des Journées Internationales du Verre (Damas, 14-23 novembre 1964,1, Liège, s.d., pp. 56-62.*
- Alarcão, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- Berger, 1960: L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.
- Fremersdorf, 1958: F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugriine Glas in Koln*, Colónia, 1958.
- Harden, 1936: D.B. Harden, *Roman Glass from Karanis*, Michigão, 1936.
- Morin-Jean, 1913: Morin-Jean, *La verrerie en Gaule sous Vempire romain*, Paris, 1913.
- Vanderhoeven, 1962: M. Vanderhoeven, *De romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1960.
- Vessberg, 1956: O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol IV, part 3: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956.
- Viana, 1955 (1): A. Viana e A. Dias de Deus, «Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas, Portugal» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1955), pp. 33-68.
- Viana, 1955 (2): A. Viana e A. Dias de Deus, «Necropolis de la Torre das Arcas» in *Archivo Español de Arqueologia*, (1955), pp. 244-265.
- Viana, 1955 (3): A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)» in *A Cidade de Évora*, n.ºs 33-34 (1955), pp. 235-258.
- Viana, 1958: A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Elvas (Paço Ducal de Vila Viçosa). Materiais da Secção Arqueológica» in *O Instituto*, vol. 118 (1958), pp. 133-193.
- Viana, 1961: A. Viana, «Vidros Romanos em Portugal. Breves Notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), pp. 5-42.

(Página deixada propositadamente em branco)

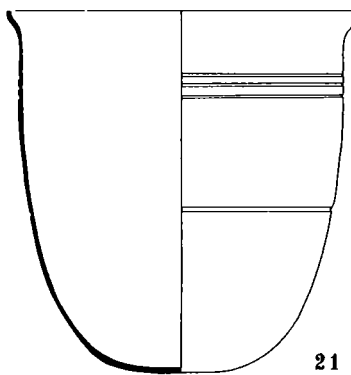
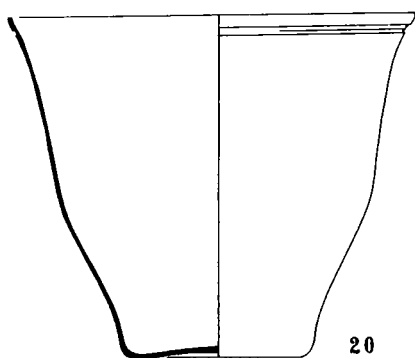
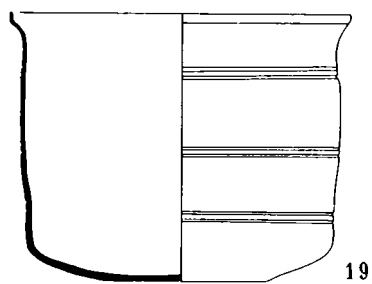
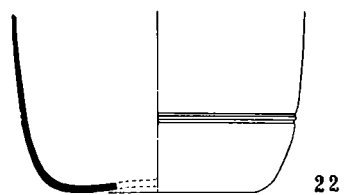
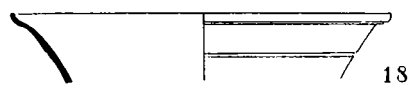
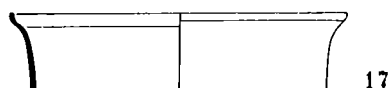
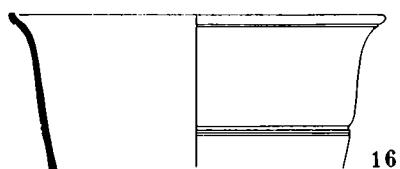
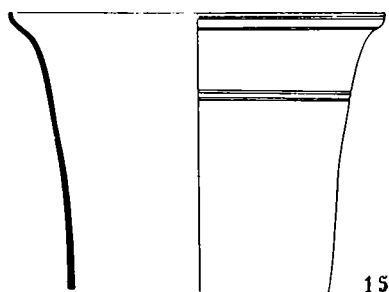
Est. 1



Escala 1:2

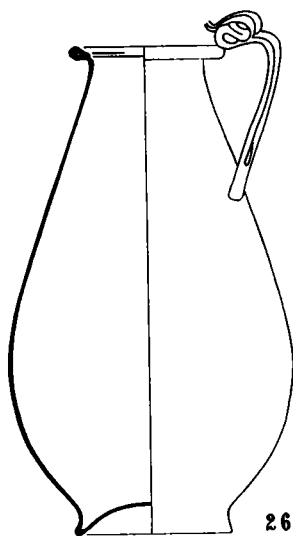
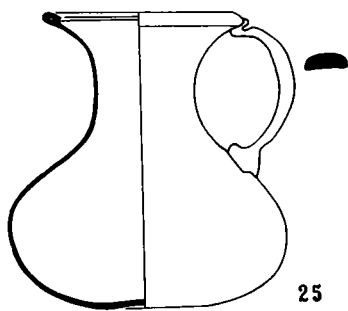
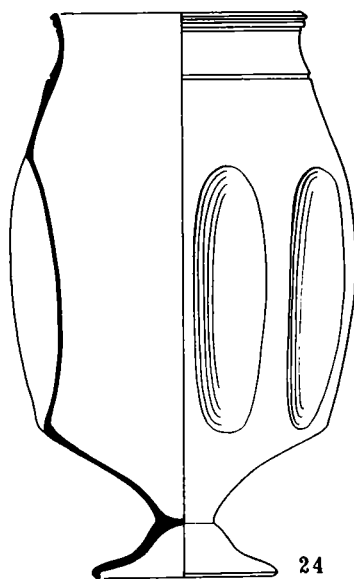
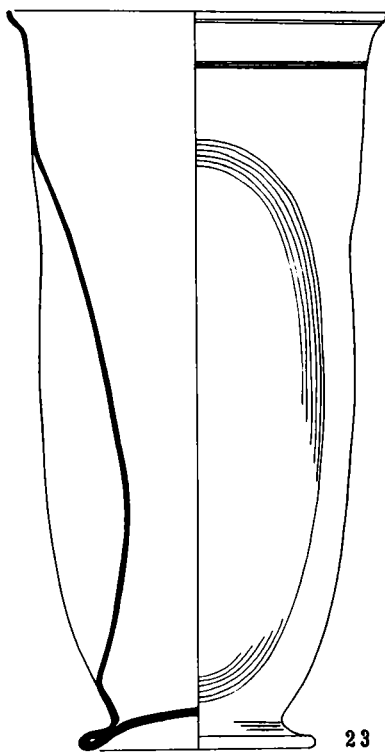


Est. 3



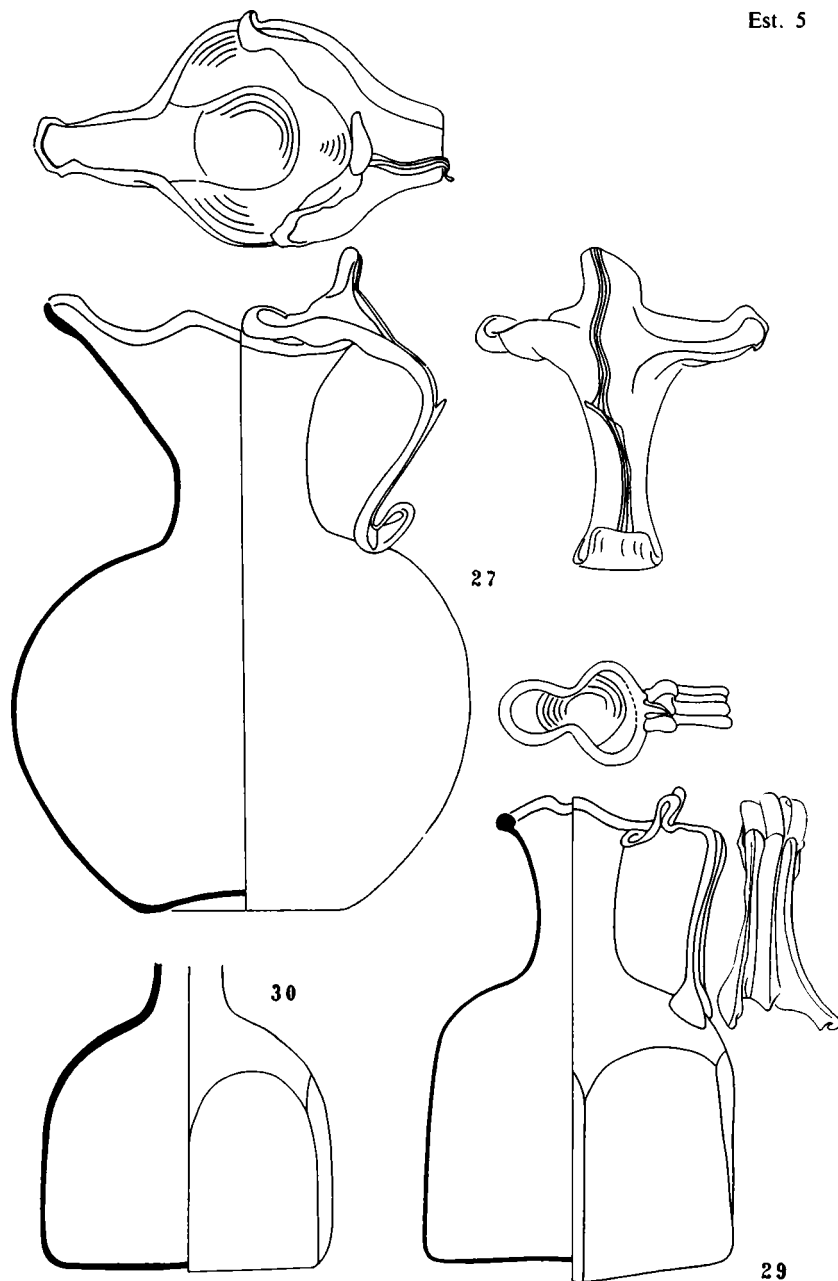
Escala 1:2

Est. 4



Escala 1:2

Est. 5



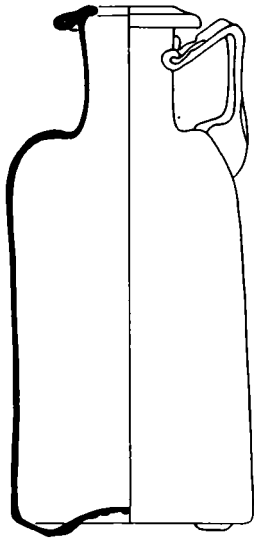
27

30

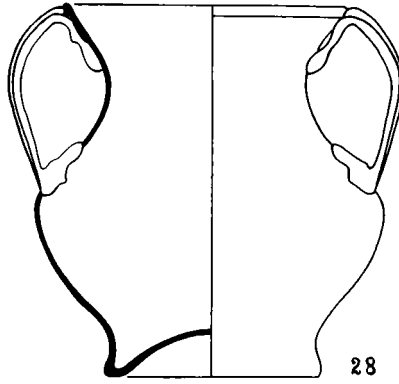
29

Escala 1:2

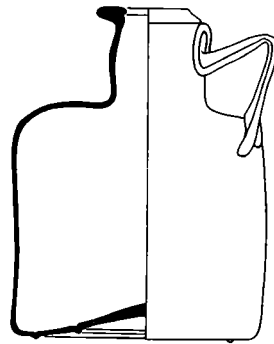
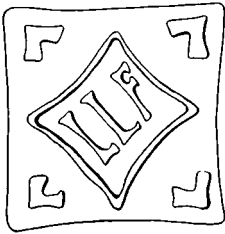
Est. 6



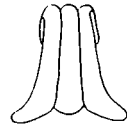
33



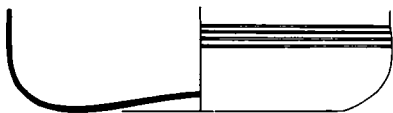
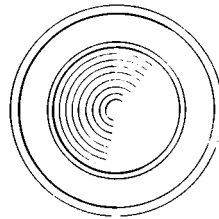
28



34



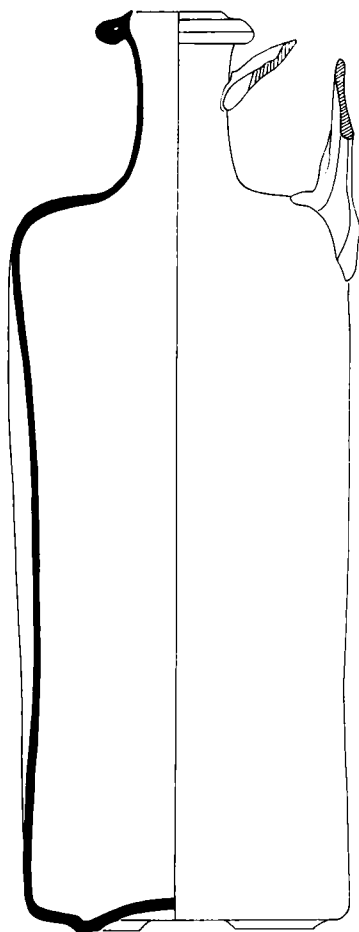
32



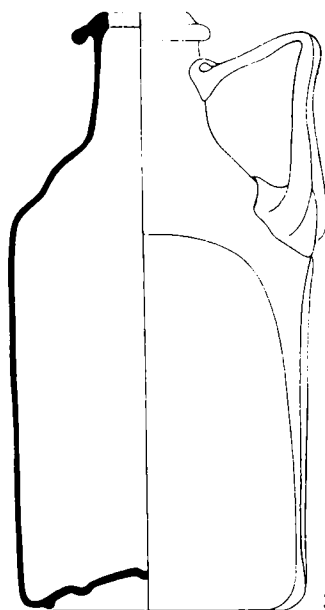
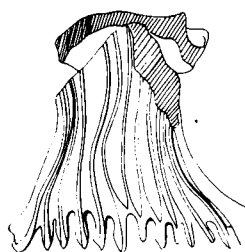
31

Escala 1:2

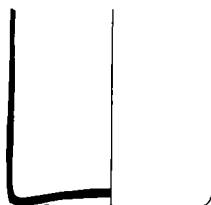
Est. 7



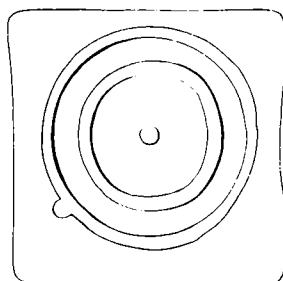
35



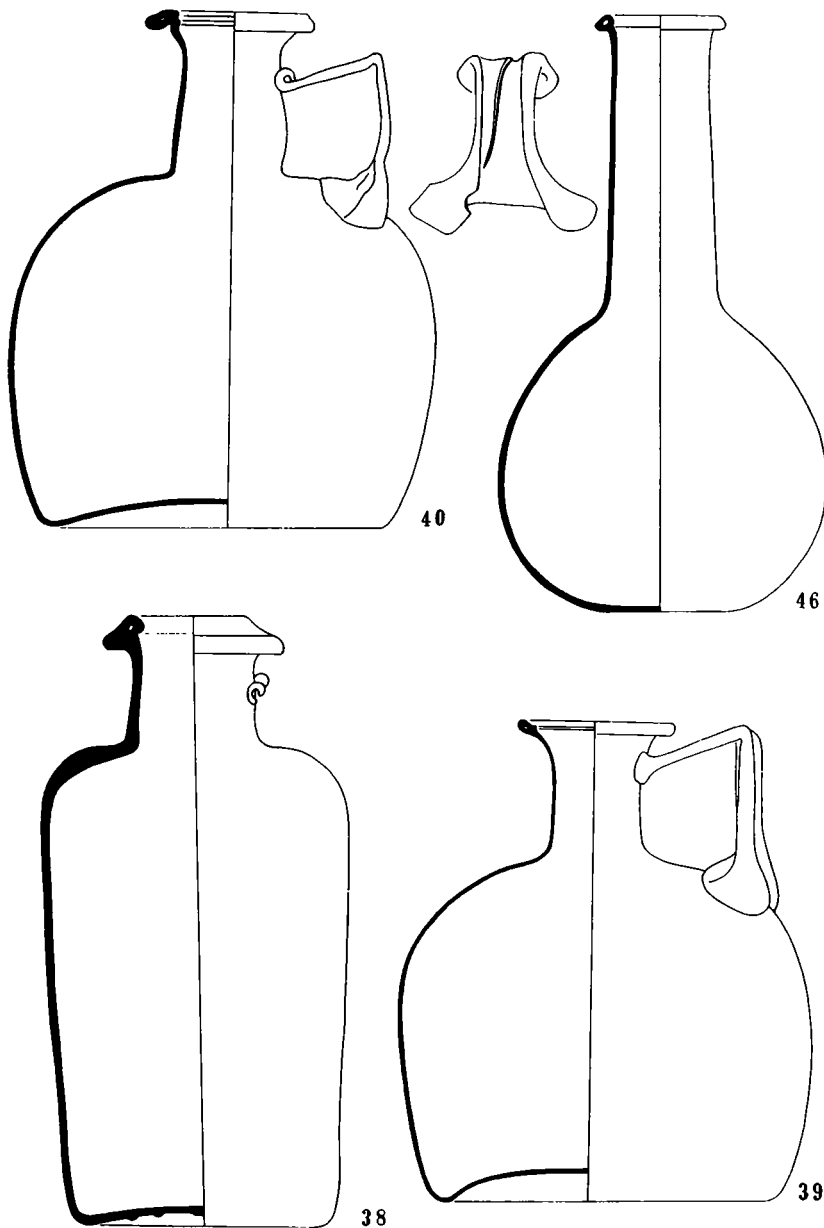
36



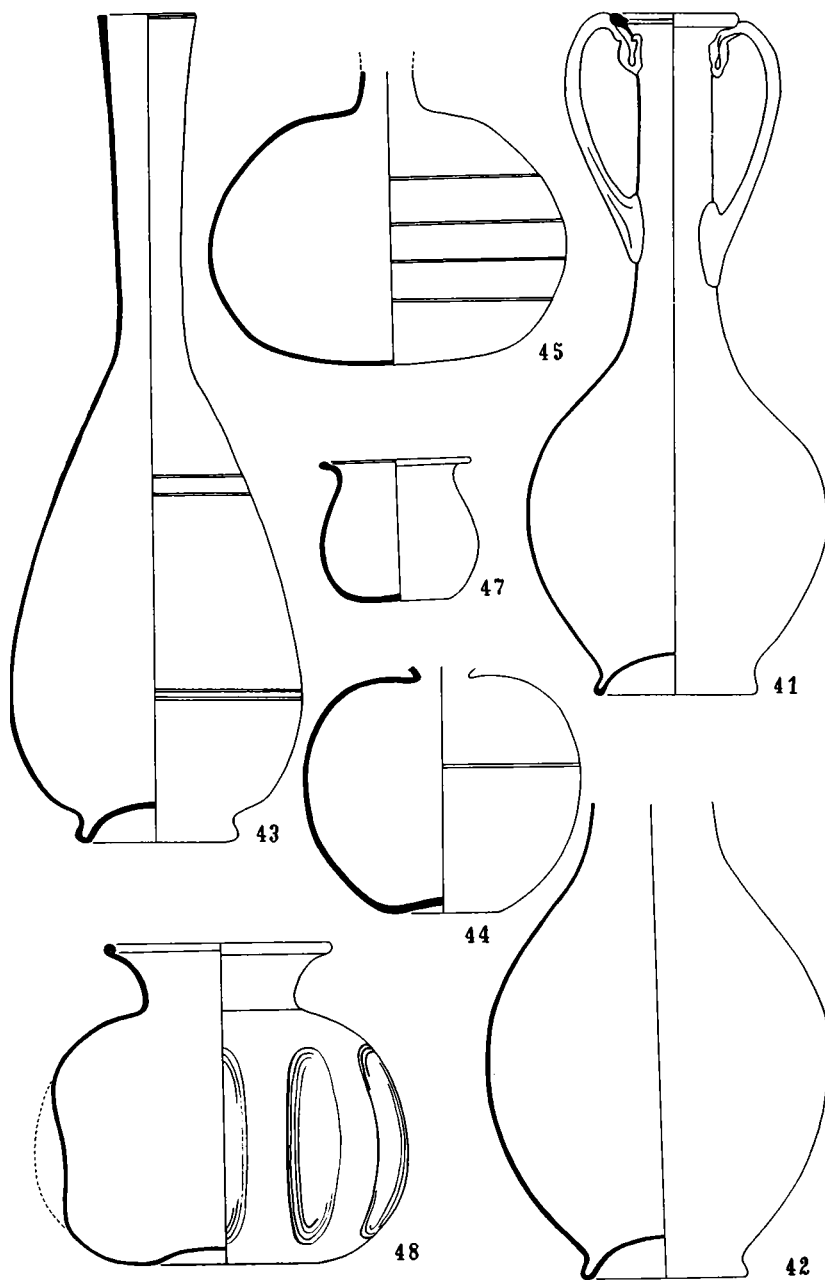
37



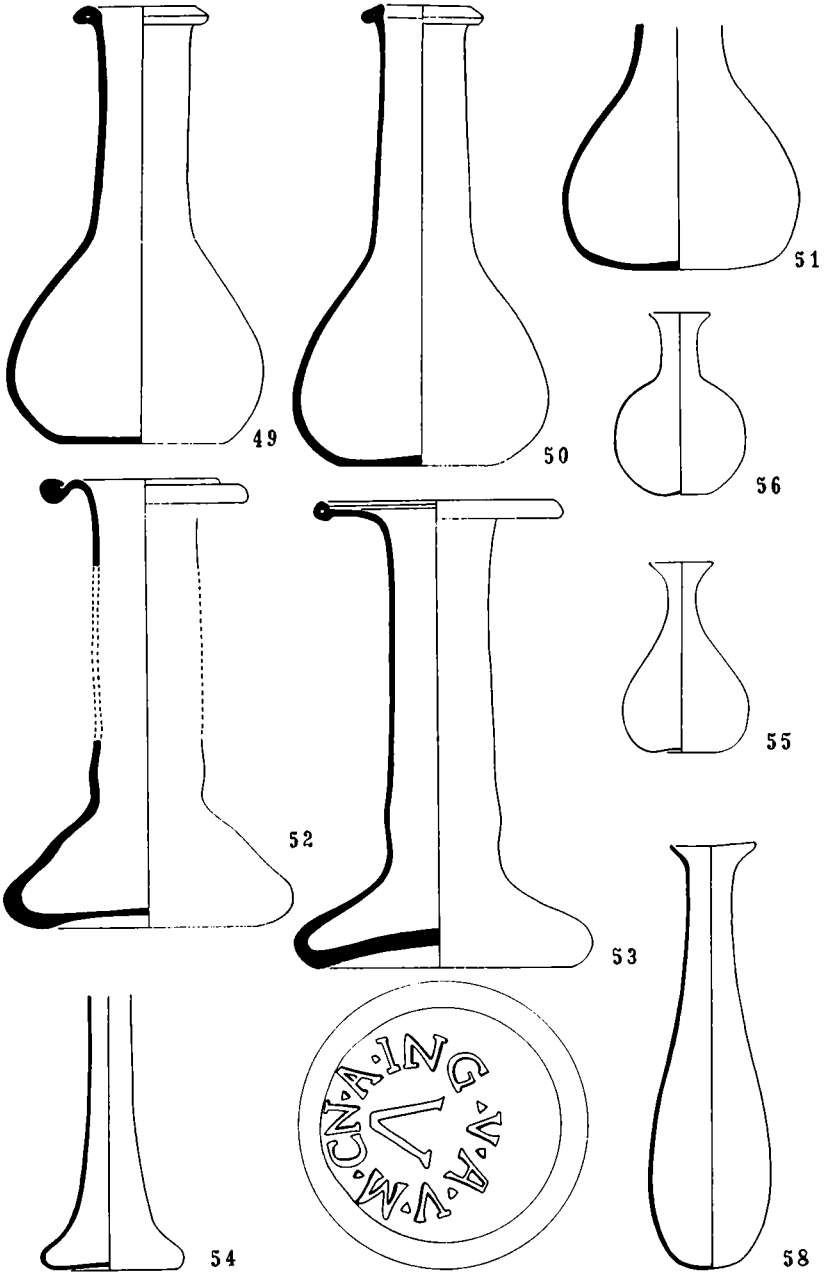
Escala 1: 2



Escala 1:2



Escala 1:2

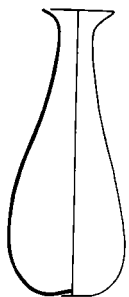


Escala 1:2

Est. 11



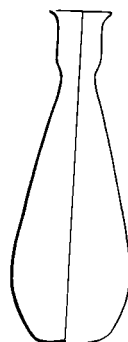
59



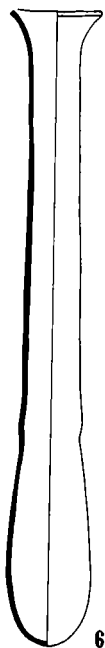
57



60



61



65



63

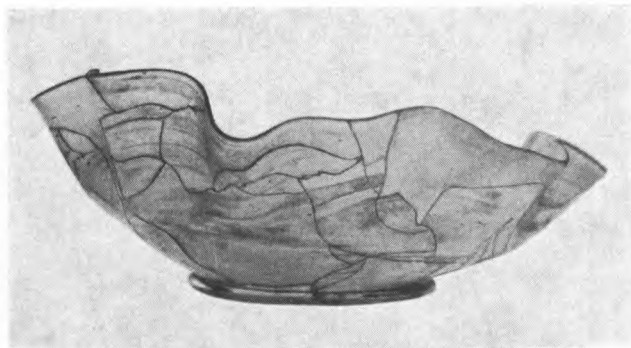


64



62

Escala 1:2



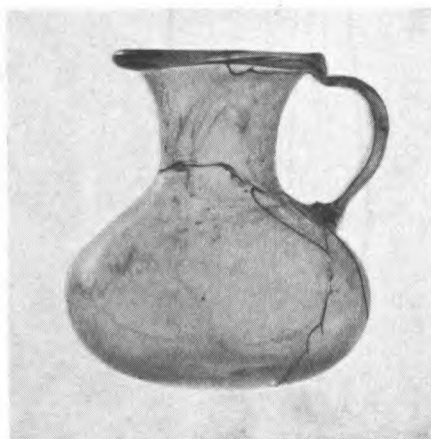
2



24

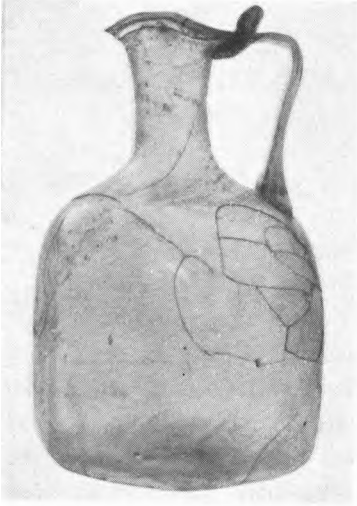


28



25

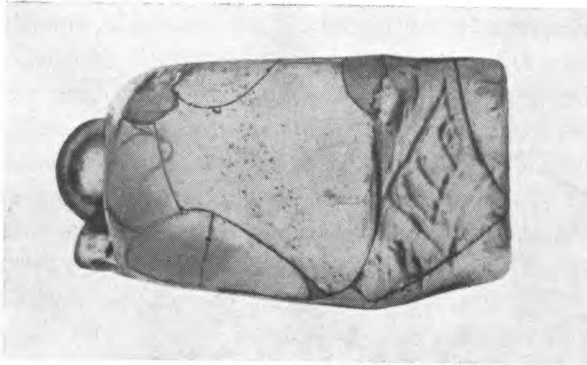
Est. 13



27



29



33